

## BREVE HISTÓRICO DA METALEXICOGRAFIA NO BRASIL E DOS DICIONÁRIOS GERAIS BRASILEIROS

Herbert Andreas Welker (UnB)

**RESUMO:** Neste artigo, traço um breve histórico da lexicografia brasileira, tanto – muito sucintamente – da lexicografia teórica, ou metalexicografia, quanto da lexicografia prática, mais exatamente dos dicionários brasileiros, restringindo-me aos grandes dicionários gerais. Faço algumas observações sobre os mais antigos e resumo as diferenças básicas entre os cinco contemporâneos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lexicografia; metalexicografia; dicionários brasileiros

Por *lexicografia* entende-se, por um lado, a ciência, técnica, prática ou mesmo arte de elaborar dicionários. Se essa é a chamada *lexicografia prática*, há, por outro lado, uma outra acepção, a saber, a *lexicografia teórica*, ou *metalexicografia*. Esta abrange o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários (cf. HAUSMANN, 1985, p. 368; WIEGAND, 1989, p. 258) e o estudo tipológico (cf. MARTÍNEZ DE SOUSA, 1995, p. 253; HARTMANN & JAMES, 1998, p. 86).

Num artigo de 35 páginas, HAUSMANN (1989) escreveu uma “pequena história mundial da metalexicografia” (cf. também HAUSMANN, 1989a), de 1612 ao século 20. Segundo o autor, as reflexões metalexicográficas encontram-se em quatro tipos de publicações: em prefácios de dicionários, em resenhas ou críticas de dicionários, nos verbetes *dicionário* ou *lexicografia* de enciclopédias gerais ou especiais (por exemplo, de lingüística), em artigos e monografias dedicadas ao assunto.

## 1. A METALEXICOGRAFIA BRASILEIRA

Não pretendo escrever a história da metalexigrafia brasileira, mas quero mostrar brevemente como se desenvolveu a metalexigrafia “acadêmica” no Brasil, isto é, o que foi feito por professores universitários, mestrandos ou doutorandos.<sup>1</sup>

Segundo BARBOSA (1995, p. 55), a disciplina “Lexicologia e Lexicografia” existe na USP desde 1971, ou seja, desde então deve ter havido reflexões metalexigráficas no ensino superior brasileiro. Entretanto, parece que as primeiras dissertações de mestrado nessa área foram defendidas somente em 1980 na UFRGS por Leci B. Barbisan<sup>2</sup> e por Maria da Graça Krieger. A partir de 1983, Krieger publicou ainda quatro artigos nos anos 80, geralmente tratando de questões semânticas ou semióticas.

Em 1984, um suplemento da revista *Alfa*, organizado por Maria Tereza Camargo Biderman, foi dedicado à lexicologia e lexicografia. Nele encontram-se, entre outros, dois importantes artigos introdutórios de Biderman: “A Ciência da Lexicografia” e “O dicionário padrão da língua”. Enquanto esses e a grande maioria dos trabalhos metalexigráficos brasileiros tratam dos dicionários monolíngües, John Robert Schmitz já abordou a questão dos dicionários bilíngües no mesmo ano de 1984. Também naquele ano, foi defendida mais uma dissertação de mestrado (Murakawa).

BARBOSA (1995, p. 54) afirma que, no II Encontro Nacional da ANPOLL, em 1987, foram apresentados “trabalhos de excelente qualidade” e que muitos dos integrantes do Grupo de Trabalho *Lexicologia, Lexicografia e Terminologia* tinham uma “respeitável lista de publicações no país e no exterior, como também se qualificavam por expressivo número de dissertações e teses orientadas”. Talvez as afirmações de Barbosa se refiram mais a trabalhos lexicológicos do que aos estudos metalexigráficos, pois, segundo consegui apurar, não foram muitos os trabalhos metalexigráficos realizados nos anos 80, além dos já citados: principalmente, cinco ou seis artigos de Ieda Maria Alves, e várias palestras de Maria Helena de Moura Neves sobre o projeto de um dicionário de verbos.

Quanto ao referido Grupo de Trabalho da ANPOLL, Barbosa (ibid.) informa que ele foi denominado *Lexicologia, Lexicografia e Terminologia* em 1988, mas já foi criado em 1986 com o nome de *Lexicologia, Lexicografia*.

Sem dúvida, foi a criação desse Grupo de Trabalho que impulsionou o crescimento da metalexigrafia brasileira nos anos 90, quando também se formaram diversos grupos de pesquisa nessa área. (A Linha de Pesquisa *Lexicologia e Lexicografia*, posteriormente denominada *Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*, sob a orientação de Maria Aparecida Barbosa, existe desde 1975; cf. BARBOSA, ibid., p. 55.)

Em 1993, saiu uma coletânea de artigos organizada por Devino João Zambonim (*Estudos sobre Lexicografia*).

Em 1996, foram defendidas as duas primeiras teses de doutorado sobre assuntos lexicográficos (por Amaral – entre dissertações e teses era a primeira sobre dicionários bilíngües – e por Nunes). Em 1997, seguem as teses de Humblé e Martuscelli.

Em 1998, Maria Tereza Biderman organizou novamente um suplemento especial da revista *Alfa*, intitulado: “O estado da arte nas ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia”.

Coincidentemente, saiu no mesmo ano a primeira coletânea de artigos em forma de livro, tendo quase o mesmo título: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia* (organizado por Oliveira & Isquierdo).

Um segundo volume com o mesmo título foi organizado por Isquierdo & Krieger em 2004.

Antes disso, em 2001, havia sido publicada a primeira monografia em forma de livro (trata-se da tese de doutorado de Carvalho), e em 2003 saiu a primeira monografia que não se originou de uma tese: *Organização de Dicionários: Uma introdução à lexicografia* (Borba). Nesse livro, o autor explicita os critérios e procedimentos adotados na elaboração do *Dicionário de usos do Português do Brasil* (DUP). Um ano depois, foi publicada uma introdução geral: *Dicionários: Uma pequena introdução à lexicografia* (Welker, 2004), assim como, por coincidência, uma introdução à terminologia (Krieger & Finatto, 2004).

Para terminar este pequeno histórico, cabe mencionar que, sobretudo na segunda metade dos anos 90 e mais ainda desde 2000, foi defendido um bom número de dissertações de mestrado e de teses de doutorado, de modo que hoje existe um total de cerca de 40 dissertações e de 20 teses na área da lexicografia (sem contar aquelas sobre dicionários de alguma língua de especialidade).

## 2. OS PRIMEIROS DICIONÁRIOS GERAIS BRASILEIROS

Vamos agora à lexicografia prática, ou seja, aos dicionários. FINATTO (1996), num artigo em que resume FINATTO (1993), traça a história da lexicografia brasileira até 1991, incluindo dicionários especiais, com títulos como *Dicionário de Botânica*, *Vocabulário Marujo*, *Adagário Gaúcho* ou *Vocabulário Brasileiro para Servir de Complemento aos Dicionários da Língua Portuguesa*.<sup>3</sup>

Aqui tratarei somente dos dicionários gerais, ou seja, dos grandes dicionários alfabéticos e não especiais.

O primeiro lexicógrafo brasileiro foi Antonio de Moraes (ou Moraes) Silva. Porém, ele morava em Portugal e sua grande obra – o *Diccionario da lingua portugueza* (1789), que, em sua 2ª edição, de 1813, é considerado “muito avançado para os padrões lexicográficos da época” (BIDERMANN, 1984, p. 4) – foi publicada naquele país e não deu a devida atenção ao português brasileiro. Mesmo assim, “tida por alguns como portuguesa, é aqui considerada como brasileira em virtude do autor ser brasileiro de nascimento e do impedimento de sua publicação na colônia” (FINATTO, 1993, p. 60). Aliás, em 1922, por ocasião do Centenário da Independência, publicou-se no Brasil “edição fotografada da sua obra de 1813 [isto é, da edição de 1813], o que seria o fato indicador da sua ‘reintegração oficial’ ao repertório lexicográfico nacional” (FINATTO, *ibid.*, p. 66).<sup>4</sup>

Em ALMEIDA (1988), FINATTO (*ibid.*, p. 70) achou os dados bibliográficos de uma edição brasileira, de 1884, do *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* de Caldas Aulete, mas a autora não conseguiu localizá-la. De qualquer maneira, seria apenas um dicionário de Portugal com a inclusão de brasileirismos.<sup>5</sup>

Assim, tem-se como primeiro dicionário geral verdadeiramente brasileiro o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* (1938). Sobre ele, BIDERMANN (2003, p. 58s.) informa:

Somente em 1938 o português brasileiro passou a contar com um dicionário que registrou seu patrimônio lexical: o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* (PDBLP), obra modesta e de porte reduzido. [...] Esse dicionário teve um sucesso extraordinário para a época, constituindo-se num best-seller no Brasil atrasado e rural de então. Até a 3ª edição de 1942 vendeu 100.000 exemplares. Nessa edição Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira aparece como colaborador e

redator. A partir da 6ª edição do PDBLP, Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira passou a ser o principal editor, tendo trabalhado intensamente em todas as edições sucessivas. O PDBLP teve onze edições, sendo a última de 1967; sua carreira gloriosa foi interrompida quando a ditadura militar fechou a Editora Civilização Brasileira, que o publicava.

Um ano após a primeira edição do PDBLP, foi publicado o primeiro volume do dicionário de Laudelino Freire (1939-44). Vejamos novamente o que BIDERMANN (*ibid.*, p. 57s.) tem a dizer:

Desde a fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL), Machado de Assis programara a elaboração de um vocabulário de brasileirismos. Em 1926-27 a ABL começou a imprimir e rever a primeira parte desse trabalho, que não chegou a ser publicado. Posteriormente houve tentativas frustradas de retomar o empreendimento.

Laudelino Freire apresentou um projeto de dicionário à Academia [...]. Como o projeto da ABL se desenvolvia lenta e precariamente, Laudelino decidiu elaborar um dicionário do português e montou sua equipe para tal fim. O *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, organizado por Laudelino Freire, foi publicado no Rio de Janeiro de 1939 a 1944. Organizado em cinco volumes, o dicionário [...] prima pela riqueza vocabular, com a inclusão de muitas locuções e expressões, neologismos e termos técnicos, além de outras qualidades como numerar as acepções das palavras-entrada. Entre outros problemas apresenta o de não ter cuidado com a inclusão de vocábulos meramente virtuais e não documentados na língua. [...] Não obteve grande sucesso e não chegou a uma segunda edição.

Um caso curioso é o dicionário de Antenor Nascentes (1961-67), pois ele seria, em ordem cronológica, o terceiro dicionário brasileiro, mas foi publicado somente em 1961.

Em 1940 a Academia [Brasileira de Letras] incumbiu Antenor Nascentes da elaboração [do dicionário previsto desde sua fundação]. Foi escolhido como modelo o *Diccionario de la Real Academia Espanhola* (Drae). Em 1943 Nascentes entregou o manuscrito à ABL, o qual foi aprovado para publicação. Passaram-se ainda anos até que esse dicionário fosse publicado – 1961-1967 – em cinco volumes. / A nomenclatura do dicionário de Nascentes (1961), ou da Academia Brasileira de Letras, totaliza aproximadamente 100.000 verbetes. Não há abonações nos verbetes; quando necessário para o entendimento da definição, o

dicionarista criou exemplos, que são, porém, raros. Apesar das muitas qualidades desse dicionário, ele também não teve grande fortuna. Primeiro, porque foi publicado muitos anos depois de concluído e não há nada que envelheça mais do que o léxico; segundo, porque resultou em obra volumosa e o público comprovadamente prefere compulsar uma obra lexicográfica em apenas um volume e que lhe custe menos. (BIDERMAN, *ibid.*, p. 58)

As seguintes obras não são mencionadas por BIDERMAN (2003); contudo, para completar este histórico, cabe citá-las:

*Dicionário Prático da Língua Nacional* (1946), de José Mesquita de Carvalho.<sup>6</sup>

*Dicionário Brasileiro Contemporâneo* (1953), em um volume, organizado por Francisco Fernandes, com colaboração de F. Marques Guimarães.<sup>7</sup>

*Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos* (1962), organizado por Adalberto Prado e Silva; 5 volumes.

*Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (1975), organizado por Adalberto Prado e Silva et al.; 2 volumes.<sup>8</sup>

### 3. OS CINCO GRANDES DICIONÁRIOS BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS

Neste artigo, não há lugar para uma apresentação ou comparação detalhada desses cinco dicionários. Sobre os quatro que existiam antes de 2004, WELKER (2004) faz observações em vários capítulos de seu livro, e BIDERMAN (2000, 2003, 2004) analisa três deles. Assim, limito-me, em 3.3, a comparar o de 2004 com aquele publicado em 2002.

#### 3.1 HISTÓRICO - NÚMERO DE VERBETES

O primeiro dos cinco dicionários foi o famoso *Aurélio* (*Novo dicionário da língua portuguesa*). Sobre sua publicação devo citar mais uma vez BIDERMAN (2003, p. 59), que, referindo-se ao fechamento da Editora Civilização Brasileira, afirma:

Tal lacuna dicionarística possibilitou a Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira publicar seu dicionário em 1975, obra essa que iniciou também uma carreira de sucesso, em grande parte por não ter nenhum concorrente de peso naqueles anos em que o Brasil já se tornara uma nação moderna e carecia tremendamente de um dicionário para preencher suas necessidades básicas de fornecer um padrão lingüístico e lexical e, mais ainda, um padrão ortográfico.

Em 1986, saiu a 2ª edição, e em 1999, a 3ª, agora com o título *Novo Aurélio: o dicionário da língua portuguesa: século XXI*. Não há dados exatos sobre o número de verbetes; na primeira edição, havia “bem mais de cem mil verbetes e subverbetes” (cf. prefácio); na segunda, eram, de acordo com o prefácio, cerca de 120 mil verbetes (segundo BIDERMAN, 2000, p. 30, a professora da UNESP Claudia Zavaglia contou 115.243 verbetes). Note que agora se fala apenas em “verbetes”, não mais incluindo os subverbetes. Na 3ª edição, de 1999, há, segundo os editores, “mais de 435 mil verbetes, locuções e definições”, o que significa que não sabemos quantos verbetes são.

Em 1998, foi publicado o *Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa*. O *Michaelis* abrange, segundo a “Apresentação”, mais de 200.000 verbetes e subverbetes (portanto, não há informação sobre o número de verbetes).

Após o falecimento de seu organizador, Antônio Houaiss, veio à luz, em 2001, o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, com 228.500 entradas (ou “unidades léxicas”).

Segundo a revista *Época* – de 12/11/2001, pp. 114ss. – ele foi indicado, pela maioria dos lexicógrafos e filólogos entrevistados, como o mais completo dicionário brasileiro: além de dar mais informações, por exemplo, sobre antônimos e a etimologia, é o primeiro a trazer a data do mais antigo registro dos lexemas. Por outro lado, “abusa de informações que complementam as definições das palavras”, podendo, assim, ser chamado de dicionário enciclopédico. (WELKER, 2004, p. 75)

No ano seguinte, foi publicado o *Dicionário de usos do Português do Brasil* (= DUP), organizado por Francisco S. Borba, que também coordenou a elaboração do quinto grande dicionário brasileiro contemporâneo, o *Dicionário UNESP da língua portuguesa*, o qual chegou às livrarias em 2004. Essas duas obras trazem um pouco mais de 62.000 e de

58.000 entradas, respectivamente. Ambas baseiam-se no *corpus* informatizado do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campus de Araraquara.

### 3.2 DIFERENÇAS FUNDAMENTAIS

Esses cinco grandes dicionários brasileiros podem ser divididos em dois grupos.

No primeiro grupo, encontram-se o *Aurélio*, o *Michaelis* e o *Houaiss*. Eles apresentam, cada um, mais de 100.000 verbetes e não se baseiam num *corpus* – informatizado ou não – do português brasileiro contemporâneo.

Por um lado, eles são mais úteis porque o consulente encontra neles muitas palavras que pertencem a línguas especializadas, regionalismos, arcaísmos etc., ou seja, itens lexicais que ele pode encontrar em algum texto e cujo significado ignora. Por outro lado, não é recomendável que sejam usados na produção de textos, pois, devido à falta de informações, o consulente poderia escolher palavras que não se empregam mais (ou não na norma culta). Mesmo no caso das palavras pertencentes ao português brasileiro padrão, o usuário não é informado sobre como empregá-las; ou seja, faltam informações sintático-semânticas.

Ao segundo grupo pertencem os dois dicionários organizados por Francisco S. Borba. Eles contêm apenas cerca de 60.000 verbetes, mas, como já foi dito, baseiam-se num *corpus* informatizado, mais exatamente num *corpus* do português brasileiro contemporâneo “com absoluta predominância da literatura jornalística” (DUP, p. VI). Tal fato garante que são lematizadas bem menos palavras desusadas do que nos dicionários do outro grupo. Infelizmente, não há ainda informações diestráticas – ou seja, informações sobre o registro – suficientes para garantir o uso adequado (cf. WELKER, 2004, p. 134).

De qualquer modo, esse mesmo DUP é o primeiro dicionário geral brasileiro a dar informações sintático-semânticas, imprescindíveis para o uso correto das palavras. Enquanto, como mostra WELKER (ibid., p. 138), o *Aurélio*, o *Michaelis* e o *Houaiss* não informam – quer não explicitamente quer de forma alguma – sobre a preposição exigida por substantivos como *confiança*, adjetivos como *crente* ou verbos como *habituar*, o DUP dá tais informações, e outras:

#### Exemplos:

*anseio*: pode ser seguido de uma oração ou de um nome precedido de *de*  
*ansioso*: o complemento pode ser um nome precedido de *de* ou *por*,  
 ou uma oração introduzida por *em* ou *para*  
 [...]

Além dessas informações sintáticas, o DUP fornece alguns dados semânticos. No caso dos substantivos, há observações como: “compl: *de*+nome humano”, o que significa que o lema (por exemplo, *emancipação*) pode ter, como complemento, um lexema que designa seres humanos e que é precedido de *de*. (WELKER, ibid., p. 139s.)

Biderman, que já havia feita uma avaliação do *Aurélio* em 1984 e, depois, uma mais extensa em 2000, analisou e avaliou o *Aurélio* e o *Houaiss* em BIDERMAN (2004). No seu artigo de 2003, já citado várias vezes, a autora inclui observações críticas também sobre o DUP, fazendo, entre outras, as seguintes considerações:

O modelo teórico em que se fundamenta é o da gramática de valências. O enfoque sintático-semântico não foi uma decisão muito acertada, sobretudo porque os usuários comuns não têm tais conhecimentos lingüísticos. Além disso, o verbete ficou sobrecarregado com informações gramaticais, dificultando a leitura e a compreensão do mesmo verbete. (BIDERMAN, 2003, p. 62)

### 3.3 O DICIONÁRIO UNESP DA LÍNGUA PORTUGUESA

Talvez por terem chegado a uma conclusão parecida com a observação de Biderman, Borba e seus colaboradores resolveram publicar – apenas dois anos após o DUP – o *Dicionário UNESP da língua portuguesa*, que se destina principalmente “aos escolares não só do ensino médio, mas até dos primeiros anos do ensino superior de qualquer área” (p. VII).

Neste breve histórico, devo restringir-me a resumir de que forma o dicionário de 2004 difere do DUP:

há cerca de quatro mil verbetes a menos (presume-se que foram eliminados lexemas muito raros; apesar disso, há verbetes novos, inclusive de palavras raras);

- acrescentou-se: a divisão silábica; uma informação sobre a origem das palavras; destaques (por exemplo, com observações sobre a frequência de uso, sobre antônimos ou parônimos), um apêndice com afixos e elementos de composição, algumas imagens;
- há menos abonações, no máximo uma por acepção, e não se registrou a fonte; há menos expressões latinas (e também não se registra onde foram encontradas);
- não se distinguem mais as quatro classes de verbos (ação, ação-processo, estado, processo);
- não se indica mais a categoria semântica dos complementos (como “concreto não-animado”);
- não se subclassificam mais os adjetivos em “classificados” e “qualificadores”;
- no caso dos substantivos, indica-se mais raramente se o lexema é concreto ou abstrato.

Com essas mudanças, os verbetes, embora menos informativos, ficaram mais enxutos, e pode-se dizer que, em muitos casos, as informações suplementares fornecidas pelo DUP eram desnecessárias.

O importante é que continua a contextualização mediante abonações assim como a informação sobre as preposições exigidas pelos verbos, adjetivos e substantivos, a qual é dada de forma econômica e discreta.

Como no caso do DUP, considero que a marcação do registro – mediante marcas de uso – ainda é insuficiente. Por exemplo, será que *enxúndia* é tão normal que não mereça uma observação? Devido também à falta de informações sobre restrições seletivas e colocações, ambos os dicionários – apesar de mais apropriados para a produção de textos do que os outros – em muitos casos não permitem a escolha certa dos lexemas.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que nas bibliotecas brasileiras se encontrem, por enquanto, mais exemplares do *Aurélio* e do *Michaelis*, o *Houaiss* e o DUP

são certamente os melhores dicionários brasileiros, cada um a sua maneira: o *Houaiss* apresentando o maior número de verbetes e o maior volume de informações enciclopédicas, e o DUP dando o maior número de informações gramaticais necessárias para o uso das palavras.

Além dos dicionários gerais mencionados aqui, gostaria de chamar a atenção ainda para um dicionário especializado, o *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil* (1990), revolucionário como o DUP e tão, ou mais, informativo (cf. WELKER, 2005). O organizador: mais uma vez Francisco S. Borba.

Finalmente, cabe lembrar também que existe um grande número de dicionários menores (“escolares”, “didáticos” ou “minidicionários”); 23 foram avaliados pelo Ministério da Educação e Cultura, 15 deles foram “recomendados” ou “recomendados com ressalvas”, um recebeu o predicado “recomendado com distinção”; é o *Mini Aurélio Século XXI Escolar*. Essa avaliação esteve disponível na internet durante algum tempo; agora há vários *sites* que informam sobre o assunto. Além disso, existem uma tese de doutorado e uma dissertação de mestrado que tratam especificamente de minidicionários do português (LUCCA, 2001; DAMIM, 2005).

Com cinco grandes dicionários contemporâneos e alguns bons minidicionários, a situação, no que diz respeito aos monolíngües, é bastante boa. Entretanto, o que falta, no Brasil, é um *learner's dictionary*, um dicionário para aprendizes, de modo que GOMES DE MATOS (2005, p. 367) pergunta: “Quando teremos, elaborado entre nós, um Dicionário de Português para Usuários de Outras Línguas?”

ABSTRACT: This article succinctly outlines the history of Brazilian lexicography, first – very briefly - of theoretical lexicography (metalexigraphy), then of practical lexicography, or more precisely of Brazilian dictionaries, the focus being restricted to big general-purpose dictionaries. Observations are made about the older ones, and a summary is provided of the basic differences between the five contemporary ones.

KEY-WORDS: Lexicography; metalexigraphy; Brazilian dictionaries

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## I. Dicionários

- BORBA, Francisco da Silva (coord.). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: UNESP, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.
- CARVALHO, J. Mesquita. *Dicionário Prático da Língua Nacional*. 4v. Porto Alegre: Globo.
- FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques (org.). *Dicionário Brasileiro Globo*. Rio de Janeiro: Globo, 1952.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 5v. Rio de Janeiro: A Noite, 1939-1944.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. [Rio de Janeiro]: Objetiva, [2001].
- Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário da língua portuguesa*. 4v. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1961-1967.
- \_\_\_\_\_. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.
- PRADO E SILVA, Adalberto (org.). *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos*. 5v. São Paulo: Melhoramentos, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 2v. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

## II. Trabalhos metalexigráficos

- ALMEIDA, Átila. *Dicionários: Parentes & Aderentes*. João Pessoa: Nova Stella, 1988.
- AMARAL, Vera L. *Análise Crítica de Dicionários Escolares Bilingües Espanhol-Português: Uma Reflexão Teórica e Prática*. 1996. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis.
- BARBISAN, Leci Borges. *As relações paradigmáticas de sinonímia e as relações sintagmáticas no dicionário de língua*. 1980. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre.
- BARBOSA, Maria Aparecida. O Grupo de Trabalho de Lexicologia. Lexicografia e Terminologia da ANPOLL: Formação e desenvolvimento. *Revista da ANPOLL*, v.1, p.53-60, 1995.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. A Ciência da Lexicografia. *Alfa*, São Paulo, v.28 (supl.), p.1-26, 1984.
- \_\_\_\_\_. O dicionário padrão da língua. *Alfa*, São Paulo, v.28 (supl.), p.27-43, 1984a.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Lexicologia e Lexicografia* (= *Alfa*, São Paulo, v.28 (supl.)), 1984b.
- \_\_\_\_\_. (org.). *O estado da arte nas ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia* (= *Alfa*, São Paulo, v.42 (n. esp.)), 1998.
- \_\_\_\_\_. *Aurélio: sinônimo de dicionário?* *Alfa*, v.44, p.27-55, 2000.
- \_\_\_\_\_. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. *Alfa*, São Paulo, v.47, n.1, p.53-69, 2003.
- \_\_\_\_\_. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o AURÉLIO e o HOUAISS. In: Isquierdo, A. N; Krieger, M. da G. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume II. Campo Grande: UFMS, 2004, p.185-200.
- BORBA, Francisco S. *Organização de Dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.
- CARVALHO, Orlene L. S. *Lexicografia Bilingüe Português/Alemão: Teoria e Aplicação à Categoria das Preposições*. Brasília: Thesaurus, 2001.
- CHAVES DE MELO, Gladstone. *Dicionários Portugueses*. Rio de Janeiro: S.O.M.E.S., 1947.
- DAMIM, Cristina. *Da lexicografia brasileira: critérios para avaliação de dicionários escolares monolíngües*. 2005. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre.
- FINATTO, Maria José B. *Da Lexicografia Brasileira (1813 - 1991): Tipologia Microestrutural de Verbetes Substantivos*. 1993. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre.

- \_\_\_\_\_. Da lexicografia brasileira (1813-1991): A microestrutura dos dicionários gerais de língua. *Linguística* (ALFAL), v.8, p.53-87, 1996.
- GOMES DE MATOS, Francisco. Nota sobre WELKER, Herbert Andreas. 2004. *Dicionários. Uma pequena introdução à Lexicografia*. Brasília, Thesaurus, 298 p. *D.E.L.T.A.*, v.20, n.2, p.366-367, 2005.
- HARTMANN, R. R. K.; JAMES, Gregory. *Dictionary of Lexicography*. London: Routledge, 1998.
- HAUSMANN, Franz. J. Lexikographie. In: Schwarze, C.; Wunderlich, D. (ed.). *Handbuch der Lexikologie*. Königstein/Ts.: Athenäum, 1985, p.367-411.
- \_\_\_\_\_. Kleine Weltgeschichte der Metalexikographie. In: Wiegand, H. E. (ed.). *Wörterbücher in der Diskussion I*. Tübingen: Niemeyer, 1989, p.75-111.
- \_\_\_\_\_. Pour une histoire de la métalexigraphie. In: Hausmann, F. J. et al. (ed.). *Wörterbücher – Dictionaries – Dictionnaires. Ein Internationales Handbuch zur Lexikographie*. Berlin / New York: de Gruyter, 1989a. 3v., v.1, p.216-224.
- HUMBLÉ, Philippe. *A New Model for a Foreign Language Learner's Dictionary*. 1997. Tese de Doutorado, UFSC, Florianópolis.
- ISQUERDO, Aparecida N.; KRIEGER, Maria da G (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume II. Campo Grande: UFMS, 2004.
- KRIEGER, Maria da Graça. *A definição lexicográfica no Novo Dicionário Aurélio: análise sêmica de verbetes substantivos*. 1980. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre.
- \_\_\_\_\_; FINATTO, Maria José B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LUCCA, José Luiz de. *Minidicionários da língua portuguesa: análise contrastiva das macro e microestruturas e sugestões de modelo*. 2001. Tese de Doutorado, USP, São Paulo.
- MARTÍNEZ DE SOUSA, José. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Biblograf, 1995.
- MARTUSCELLI, Sônia M. *A moral burguesa e o projeto de vida burguês no discurso do dicionário brasileiro*. 1997. Tese de Doutorado, USP, São Paulo.
- MURAKAWA, Clotilde A. A. *O Primeiro Dicionário da Língua Portuguesa de Antonio de Moraes Silva (Estudo Crítico da Edição de 1813)*. 1984. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.
- NUNES, José H. *Discurso e instrumentos lingüísticos no Brasil: dos relatos de viajantes aos primeiros dicionários*. 1996. Tese de Doutorado, Unicamp, Campinas.

- \_\_\_\_\_. Léxico e língua nacional: apontamentos sobre a história da lexicografia no Brasil. In: Orlandi, E. P. (org.). *História das Idéias Lingüísticas. Construção do Saber Metalingüístico e Constituição da Língua Nacional*. Campinas: Pontes; Cáceres: UNEMAT, 2001, p.71-87.
- OLIVEIRA, Ana M. P. P.; ISQUERDO, Ana N. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.
- SCHMITZ, John Robert. Suggestions for improving bilingual dictionaries of English and Portuguese. *Anais do ENPULI*, São Paulo, PUC, v.2, p. 384-400, 1984.
- WELKER, Herbert A. *Dicionários: Uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.
- \_\_\_\_\_. A valência verbal em três dicionários brasileiros. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 8, n. 1, p. 73-100, 2005.
- WIEGAND, Herbert E. Der gegenwärtige Status der Lexikographie und ihr Verhältnis zu anderen Disziplinen. In: Hausmann, F. J. et al. (ed.). *Wörterbücher – Dictionaries – Dictionnaires. Ein Internationales Handbuch zur Lexikographie*. Berlin / New York: de Gruyter, 1989, 3v., v.1, p. 246-280.
- ZAMBONIM, Devino J. (org.). *Estudos sobre Lexicografia*. Araraquara: UNESP, 1993.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Cabe mencionar que foi publicado, em 1947, o livro *Dicionários portugueses* do filólogo Gladstone Chaves de Melo, citado por BIDERMAN (1984, p. 13) e por FINATTO (1996, p. 70, 72).
- <sup>2</sup> Essa dissertação, que não consta do banco de teses da CAPES, é citada por FINATTO (1996). Seria desejável que todos os mestres e doutores cujas dissertações e teses faltam no referido banco de teses solicitassem a sua inclusão.
- <sup>3</sup> Até mesmo uma obra intitulada *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (de Antônio Joaquim de Macedo Soares) não era um dicionário geral, e sim apenas de brasileirismos (cf. FINATTO, 1993, p. 66; NUNES, 2001, p. 82s.).
- <sup>4</sup> Finatto fornece os seguintes dados bibliográficos: SILVA, Antonio de Moraes [...]. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa, Tip. Lacerdina de M.P. de Lacerda/Borel, 1813, 2 vols, 806 e 872 p.
- <sup>5</sup> Em 1958, foi publicado o "Aulete brasileiro", uma edição "atualizada, revista e consideravelmente aumentada pela introdução dos vocábulos em uso no Brasil" (nota da editora)" (FINATTO, *ibid.*, p. 70). BIDERMAN (1984: 7) considera que ela tem "vários defeitos". Na lista de Finatto, ela consta da seguinte forma: DICIO-



NÁRIO CALDAS AULETE. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 4ª ed. (edição brasileira), colab. de Hamílcar Garcia e Antenor Nascentes. Rio de Janeiro, Editora Delta, 1958. 5 vols., 5.535p.

- <sup>6</sup> “A partir da década de 40, multiplicaram-se os dicionários de língua no Brasil. Entre muitos, foram poucos aqueles que, além dos já anteriormente citados, tiveram alguma projeção entre a crítica especializada.” (FINATTO, *ibid.*, p. 72) Entre esses “de menor projeção”, Finatto menciona o de Carvalho, que “teve 12 edições até 1968 quando dobrou seu número de volumes, de dois para quatro”.
- <sup>7</sup> “Houve segunda edição em 1969 com sucessivas reimpressões até 1991. É de 1991 a 18ª edição (ou reimpressão?) com revisão de Pedro Celso Luft.” (FINATTO, *ibid.*, p. 71) Existe também um *Dicionário Brasileiro Globo* (1984), de Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft e F. Marques Guimarães, que deve ser apenas uma nova edição do referido dicionário. Curiosamente, para o *copyright* é indicado o ano de 1952. Nessa obra, há uma nota biográfica sobre Francisco Fernandes, segundo a qual esse lingüista, mais conhecido como autor do *Dicionário de Verbos e Regimes* e do *Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa*, também organizou um *Dicionário da Língua Portuguesa* (1958).
- <sup>8</sup> FINATTO (*ibid.*, p. 74) informa: “Importantes editoras internacionais como a Enciclopédia Britânica e a editorial Larousse publicaram dicionários monolíngües no Brasil, ou melhor, patrocinaram obras nacionais. Entre essas cabe citar o *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Mirador Internacional* editado pela Mirador Internacional Enciclopédia Britânica do Brasil e Companhia Melhoramentos em 1975 em 2 volumes. Esta obra teve 9 edições até 1987 quando houve o acréscimo de mais um volume; em 1990, registra-se a 12ª edição deste dicionário com plano estrutural e coordenação de Adalberto Prado e Silva entre outros; sendo indicada a colaboração lexicográfica de Francisco da Silva Borba.”